



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CAMPUS - SANTA INÊS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E PEDAGOGIA

**HEMILLY SANTOS ARAÚJO
KARLLA RAYANE FERREIRA DOS SANTOS
MARIA EDUARDA SANTOS DO NASCIMENTO**

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: sugestões
lúdicas para contar histórias no 1º ano do Ensino Fundamental

Santa Inês
2026

HEMILLY SANTOS ARAÚJO
KARLLA RAYANE FERREIRA DOS SANTOS
MARIA EDUARDA SANTOS DO NASCIMENTO

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: sugestões
lúdicas para contar histórias no 1º ano do Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA, Campus Santa Inês, como
requisito para obtenção da Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Mirian Santos Chagas de
Souza.

Santa Inês
2026

Nascimento, Maria Eduarda Santos do.

Contação de histórias e a formação do leitor literário: sugestões lúdicas para contar histórias no 1º ano do Ensino Fundamental / Maria Eduarda Santos do Nascimento, Hemilly Santos Araújo, Karlla Rayane Ferreira dos Santos. - Santa Inês - MA, 2026.

64 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Santa Inês, 2026.

Orientadora: Profa. Ma. Mirian Santos Chagas de Souza.

1. Contação de histórias. 2. Leitor literário. 3. Literatura infantil. 4. Imaginação. 5. Criatividade. I. Araújo, Hemilly Santos. II. Santos, Karlla Rayane Ferreira dos. III. Título.

CDU: 373.3.016:028.5

**HEMILLY SANTOS ARAÚJO
KARLLA RAYANE FERREIRA DOS SANTOS
MARIA EDUARDA SANTOS DO NASCIMENTO**

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: sugestões
lúdicas para contar histórias no 1º ano do Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual do Maranhão –
UEMA, Campus Santa Inês, como
requisito para obtenção da Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MIRIAN SANTOS CHAGAS DE SOUZA**
Data: 13/07/2026 14:04:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa Ma. Mirian Santos Chagas de Souza (Orientadora)
Mestra em Literatura e Crítica literária
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIO CILIRIO DA SILVA NETO**
Data: 13/07/2026 14:34:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Antônio Cilírio da Silva Neto (1ºexaminador)
Pós-Doutor em Letras – Ensino de Língua e Literatura Estudos Linguísticos)
Universidade Federal do Tocantins

Documento assinado digitalmente
 **SUELMA DA SILVA AGUIAR LIMA**
Data: 13/07/2026 14:58:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Ma. Suelma da Silva Aguiar Lima (2ºexamidor)
Mestra Profissional em Educação
Universidade Regional Do Cariri

“Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro. Então vocês clamarão por mim, virão orar a mim, e eu os ouvirei.”
Jeremias 29:11-13.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui encerrar esse ciclo com muita gratidão. Gratidão por ter conseguido, gratidão pelos dias turbulentos que mantive o sorriso no rosto enfrentando barreiras da vida pessoal, gratidão pelos dias bons, gratidão pelas amizades que fiz e gratidão pela família que tenho, pois sem essa base não sou nada.

Hoje olho para trás e vejo o caminho percorrido, e vejo Deus todos os dias pois não foi fácil.

Hoje tenho uma companhia pelo resto da vida e desejo que ele (a) tenha uma vida profissional magnífica e com certeza por tudo que sou e por tudo que consigo ser irei estar ao lado dele (a) em todas as experiências da vida, darei tudo aquilo que não foi me dado. Que Deus esteja ao nosso lado todos os dias, e agora entendo o quanto preciso ser forte todos os dias, e tudo que eu aprendi irá ser repassado.

Com muito amor, para o amor da minha vida: meu filho (a).

Hemilly Santos Araújo

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por tamanha bondade, amor, proteção e cuidado durante todos os momentos da minha vida. Obrigada por me sustentar, me dar sabedoria pra concluir essa etapa tão importante.

À minha filha, Agnes, razão de tudo. Por ter vindo do céu para os meus braços, e com isso me motivar a cada dia a lhe dar o melhor. Foi por você que eu não desisti. Cada página desse trabalho tem um pouco de você que foi minha companheira nas madrugadas de estudos. Você é o meu maior motivo para seguir, a pessoa que eu amo incondicionalmente.

À minha mãe, Girlene, por todo amor, incentivo e apoio. Obrigada, você foi fundamental na minha vida e exemplo de mulher. Obrigada por cada palavra de incentivo, por acreditar em mim. Ao meu pai, Evaristo, apesar de tudo sempre foi um grande motivador e também exemplo de homem trabalhador e honesto. Ao meu irmão, Paulo, um irmão que eu amo como filho e sempre me ajudou em tudo que fosse necessário na minha jornada acadêmica. Obrigada pelas risadas que aliviaram o cansaço, pela paciência nos dias de estresse e por sempre me lembrar que eu não estou sozinha.

Às minhas amigas de TCC e de vida, Hemilly e Maria Eduarda, dividiram comigo as angústias, os prazos, os surtos e as vitórias. Sem vocês essa caminhada teria sido mais pesada. Obrigada pela parceria, pelos textos compartilhados e por não soltarem minha mão. Eu amo vocês! À minha orientadora, Mirian Chagas, que me acompanhou desde o Ensino Médio, pela paciência, dedicação, e por todo conhecimento compartilhado. Obrigada por me guiar com tanta competência, maestria e humanidade, por cada correção que me fez crescer e por acreditar na minha pesquisa.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória, em especial a Daiane Frota que foi um grande exemplo de professora e com isso me impulsionou a seguir essa caminha que já estava predestinada na minha vida. Ao meu querido, Jonas Reis, que também foi um dos maiores exemplos de profissional que eu tive a honra de tê-lo como professor e me ajudou muito nessa jornada acadêmica. Obrigada! Aos colegas de turma e a cada pessoa que, direta ou indiretamente, contribuiu para que este trabalho se tornasse realidade.

Karlla Rayane Ferreira dos Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos autores da minha história: Deus, e a Nossa Senhora que sempre esteve/está comigo, ouvindo minhas preces e abençoando todos os meus planos. Sinto toda proteção divina e luz constantemente na minha vida, nos meus momentos de aflições, medos e inseguranças e, sem dúvidas, se não fosse o seu amparo e a intercessão de Maria nada disso seria realizável. Há uma música em que a letra diz: “Tenha paciência e saiba esperar, que o melhor de Deus virá”, e foi nessa certeza que me agarrei em todos esses anos de formação.

Aos meus familiares e amigos por acreditarem em mim, torcerem e sempre me incentivarem para um futuro promissor.

E em especial aos meus pais, Aureliana e Adeildo, por todo amor e dedicação para a pessoa que me tornei, por me direcionarem e nunca medirem esforços para que eu pudesse estar aqui hoje, que nunca me deixaram faltar nada, e sempre me impulsionaram e deram tudo de si pela minha formação humana, escolar e agora, profissional.

Aos profissionais os quais tive o prazer de conhecer, que além de realizar o seu trabalho com excelência, também marcaram a minha vida. À minha turma, a qual conheci pessoas incríveis que dividiram aprendizagens e experiências. As minhas companheiras, Karlla Rayane e Hemilly Santos, pela amizade e parceria durante esses anos, e a minha orientadora, Profa. Ma. Mirian Santos Chagas de Souza por ter embarcado comigo e minhas companheiras, por toda paciência e discernimento dado a nós.

Maria Eduarda Santos do Nascimento

"Educar é contar histórias.

*Contar histórias é transformar a vida na
brincadeira mais séria da sociedade."*

Augusto Cury

RESUMO

A presente investigação desenvolveu-se acerca do interesse com a temática a partir da disciplina de Literatura Infanto Juvenil. Com isso, o principal objetivo da pesquisa é investigar os fundamentos da contação de histórias e sua contribuição para a formação do leitor literário. Considera-se como ponto de partida estratégias lúdicas para que essa prática se efetive dentro do espaço da sala de aula, assim, recorre-se para o auxílio do teatro de bonecos com o intuito de proporcionar uma experiência imersiva e cativante pela contação de histórias para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Tendo em vista que, com os avanços da era digital, a arte milenar da contação de histórias precisa ser exercitada para que não desapareça, de modo que os alunos tenham contato constantemente com o objeto livro para a criação do hábito de ler, com uma aproximação prazerosa e afetiva com as leituras literárias desde a infância. Os estudos aconteceram segundo a ótica dos autores arrolados, tais como Bia Bedran (2012), Cléo Bussato (2013), Claudia Stocker (2022), Gianni Rodari (2021), Tereza Colomer (2007), Walter Benjamim (2012), Vânia D'Angelo Dohme (2017), dentre outros. As ações metodológicas aplicadas foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, tendo como universo o Colégio Militar Tiradentes XXXI Papa João Paulo II, localizada na cidade de Santa Inês. Como resultado, é perceptível o potencial da contação de histórias para desenvolver habilidades e competências essenciais na criança, bem como para atuar no imaginário, na criatividade, linguagem e pensamento infantil.

Palavras-chave: Contação de histórias; Leitor literário; Literatura Infantil; imaginação; criatividade.

ABSTRACT

This research was developed around the interest in the topic from the discipline of Children's and Young Adult Literature. Thus, the main objective of the study is to investigate the fundamentals of storytelling and its contribution to the formation of the literary reader. As a starting point, playful strategies are considered so that this practice can be implemented within the classroom space; thus, puppet theater is used to provide an immersive and captivating experience through storytelling for first-grade elementary school students. Considering that, with the advances of the digital age, the millennial art of storytelling needs to be practiced so that it does not disappear, allowing students to constantly have contact with books to develop the habit of reading, with a pleasurable and affectionate approach to literary reading from childhood. The studies were conducted according to the perspective of the listed authors, such as Bia Bedran (2012), Cléo Bussato (2013), Claudia Stocker (2022), Gianni Rodari (2021), Tereza Colomer (2007), Walter Benjamin (2012), Vânia D'Angelo Dohme (2017), among others. The methodological actions applied were bibliographic research and field research, with the universe being the Colégio Militar Tiradentes XXXI Pope John Paul II, located in the city of Santa Inês. As a result, the potential of storytelling to develop essential skills and competencies in children, as well as to act on imagination, creativity, language, and child thinking, is noticeable.

Keywords: Storytelling; Literary reader; Children's Literature; imagination; creativity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise da terceira questão: Há algum obstáculo que dificulte a realização da contação de história de maneira lúdica?	38
Quadro 2 – Análise da quarta questão: Como a contação de história pode contribuir para a formação do leitor literário?	39
Quadro 3 – Análise da sexta questão: Os alunos gostam desse momento de contação de história durante as aulas?	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Análise da primeira questão: A instituição escolar adere ao momento de contação de história para a aprendizagem dos alunos?	36
Gráfico 2 – Análise da segunda questão: A escola dispõe de materiais para a contação de história?	37
Gráfico 3 – Análise da quinta questão: Com que frequência o ato de contação de história são realizados em sua sala de aula?	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira aplicação da proposta	45
Figura 2 - Segunda aplicação da proposta	46
Figura 3 – Terceira aplicação da proposta	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA ESCOLA	17
2.1 Evolução histórica	18
2.2 Ler livros e formar leitores	21
3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	24
3.1 Contação de histórias no século XXI	25
3.2 Técnicas de contar histórias	28
3.3 Contando histórias e formando leitores literários	31
4 METODOLOGIA	34
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
5.1 Caracterização da escola campo	35
5.2 Visão dos docentes acerca da contação de história	35
5.3 Proposta pedagógica: sugestões lúdicas para contar histórias.	42
5.4 Contação de histórias no espaço escolar e não escolar	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
APÊNDICES	54
APÊNDICE A: Questionário para os professores	55
APÊNDICE B: Histórias contadas na aplicação da proposta	56
ANEXOS	62
ANEXO A – Termo de autorização de uso de imagem	63

1 INTRODUÇÃO

O campo da literatura, seja na sua forma oral ou escrita, é carregada de tradição, e seu surgimento expressa uma conexão com o campo da pedagogia evidenciando críticas acerca das suas finalidades, isto é, ora essa literatura é tratada apenas como um recurso didático para ensino e para que a criança desenvolva a linguagem, excluindo a dimensão estética do gênero. Ora, por outro ponto de vista, a sua presença promove uma educação literária criando um afeto com a leitura, e não por obrigação.

Dessa forma, essa tradição transpassada de geração em geração não é estática, conforme as mudanças que acontecem ao longo dos anos, as formas como se incorpora a literatura se modifica e renova. Tal transformação é necessária para que a arte da transmissão de histórias orais e escritas sejam mantidas mesmo com os avanços das tecnologias. Com isso, surge outros sentidos para a formação do leitor literário de maneira integral, deixando com que a criança tenha uma experiência estética favorável. Para isso, no ambiente escolar é preciso adotar diversas estratégias na hora do conto para que tenha efeitos positivos, como por exemplo: baú de leitura, rodas de leitura, dramatização, teatro de bonecos, teatro de sombras, livro digital, entre outros.

O documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que as crianças, seja na Educação Infantil ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, devem se deparar com situações que envolva a ludicidade para que ocorra a aprendizagem. As experiências vivenciadas por intermédio do caráter lúdico proporcionarão mais participação e interesse da criança nas práticas de leituras literárias. Se a escolha de trabalhar o literário infantil é através dos contos a apropriação de saberes implica em como contar histórias. Ao estabelecer relação de cumplicidade com o ouvinte, o contador emprega emoções, produz imagens mentais e técnicas como voz, gestos, corpo, performance.

Este estudo interligou-se com o projeto “Bonecos circulantes: contando histórias nas creches e pré-escolas” tendo atuação como voluntárias. Assim dialoga com o momento da contação de histórias, bem como as formas pelas quais se dá as mediações de leituras no espaço escolar, privilegiando experiências lúdicas para a formação do leitor infantil. Considerando esse contexto, a questão problematizadora

desta pesquisa é a seguinte: como a contação de histórias favorece para a formação do leitor literário?

A pesquisa fundamentou-se nos estudos de autores como Bia Bedran (2012), Cléo Bussato (2013), Claudia Stocker (2022), Gianni Rodari (2021), Tereza Colomer (2007), Walter Benjamim (2012), Vânia D'Angelo Dohme (2017), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dentre outros. Para melhor compreensão, o presente trabalho foi organizado em 6 capítulos. O primeiro corresponde a introdução, já o segundo aborda aspectos relacionados à relação entre literatura e escola, enfatizando como se deu o surgimento de livros infantis e sua contribuição para o contexto educacional, a importância do ato de ler para formar leitores, e outros aspectos.

No terceiro capítulo, analisou-se a significância de adotar a prática da contação de histórias para manter a tradição e fixar na rotina escolar, considerando os avanços em relação a como essa prática se manifesta no século XXI. Além disso, discorreu-se sobre as técnicas de contação e as colaborações para o leitor. No quarto capítulo, revela-se os procedimentos de investigação adotados, como o método de abordagem, o tipo de pesquisa, as técnicas de coleta de dados, e outros.

No quinto capítulo, foi apresentado os resultados e discussões da pesquisa, assim, contém a caracterização da escola, a percepção dos professores quanto a relevância da prática de contação de histórias, e a descrição das atividades que foram desenvolvidas no espaço escolar e não escolar. Por fim, as considerações finais para concluir os resultados da pesquisa realizada.

2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA ESCOLA

A literatura infantil possui enlaces com a escola desde a sua origem no século XVIII e traz em sua natureza a duplicidade congênita literária e pedagógica. De acordo com Zilberman (1987), de um lado, por transmitir normas e envolver-se com uma formação moral, ela é percebida sob a ótica do adulto, razão sobre a qual desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico. De outro lado, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico.

Em conformidade, surgimento de uma literatura direcionada para tal público infantil está relacionada a duas noções fundamentais: a concepção de infância e a estrutura familiar. Com a ascensão do modelo familiar burguês, o estereótipo familiar que prevalecia refletia o modelo capitalista de organização social. Nesse novo contexto, passou-se a ter maior preocupação com a formação e desenvolvimento da criança. Assim, esse constante interesse pela infância trouxe consigo um aumento de mercadorias destinadas a esse público, além de atribuir aos responsáveis a responsabilidade pelo cuidado, proteção e formação moral.

Desse modo, marcado totalmente por um período de industrialização, segundo Lajolo e Zilberman (2007), se dá os enlaces entre a literatura infantil e a escola, a partir de exigências da época, a instituição social escola é a encarregada por sustentar a disseminação mercadológica dos livros, uma vez que a criança precisa passar pelo crivo da escola para que seja habilitada para consumir as obras literárias. Para tanto, essa visão tende a desconsiderar o caráter estético do gênero ao privilegiar o caráter predominantemente pedagógico, pois a utilização dentro do espaço escolar costuma refletir aquilo que o indivíduo adulto seleciona e deseja transmitir.

No entanto, este propósito pedagógico pragmático do ensino deste gênero gerou desconfiança da crítica literária por privilegiar o didático em detrimento ao estético, essa abordagem pode limitar a literatura infantil a um simples instrumento de ensino. Palo e Oliveira (2006) caracteriza o pensamento infantil como concreto, inclusivo e motivado, e por isso, apto a compreender o lado artístico proposto pela produção literária, isto é, a criança vive aquilo que se observa, faz-se inclusive naquele

contexto e, a partir do despertar da sua curiosidade torna-se motivada. Logo, a literatura ao unir o imaginário da criança com o real, conseqüentemente, se aproxima da sua forma de pensar e a torna capaz de construir seus conceitos. E essa forma de construção do pensamento é essencial para a qualidade literária e experiência leitora.

Para a perspectiva da formação do leitor literário o processo de leitura de obras infantis requer a construção de um pensamento crítico e ampliação do imaginário. Para tanto, faz-se necessário que a criança construa experiência estética e social na qual ocorre na relação com o livro e com a comunidade literária.

Nesse sentido, este estudo é direcionado para como a contação de história pode contribuir na formação do leitor literário de forma imersiva para estimular o desenvolvimento integral da criança. Pois, tida como uma arte milenar, contar histórias sempre foi um instrumental para a formação humana, cujo processo efetiva-se através da relação de cumplicidade entre contador e ouvinte.

Neste segmento, abordaremos a seguir sobre a evolução histórica do gênero da literatura infantil e juvenil e sobre o ato de ler livros e formar leitores.

2.1 Evolução histórica

O advento da Literatura Infantil e Juvenil, como é de conhecimento nos dias de hoje, é o resultado das várias transformações que ocorreram ao longo dos séculos no que se refere a cultura, a sociedade e a educação. Era fortemente presente nas histórias a transmissão de valores e tradições do seu tempo, assim, em distintos períodos o conceito de literatura de modo mais abrangente tornou-se diversos.

Dessa maneira, manifesta-se a relevância de conhecer as raízes históricas e o contexto, especificamente daquelas ditas apropriadas para o público infantil que começou a ganhar seu formato somente por volta do século XVII, durante o classicismo francês. Nesse contexto, as histórias eram repassadas no formato da tradição oral, dentre as quais pode-se citar: as Fábulas de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telêmaco de Fénelon, lançadas em 1717, e os Contos da Mamãe Gansa de Charles Perrault, publicados em 1697, cujo título original era Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades. O ser criança sempre existiu, todavia, a concepção que se tinha no século XV de família desconsiderava totalmente a existência da infância, sem valor social.

Por não se ter conhecimento de uma faixa etária diferenciada, as crianças viviam conforme os adultos, exercendo as mesmas tarefas e tendo o mesmo modo de vida, eram “adultos em miniaturas”. O fato de tratar de maneira semelhante estendia-se ao ambiente escolar, que segundo Aranha (2006), os documentos medievais não condiziam com a idade dos alunos, que apesar de por volta dos 10 anos e diferentemente do que se concretiza atualmente, estudavam no mesmo ambiente com jovens, adultos e velhos com interesse em aprender.

A partir do momento que se adotou a infância como uma fase natural e necessária para o desenvolvimento da criança, conseqüentemente a visão que se tinha sobre a infância tomou novos rumos. Conforme Lajolo e Zilberman (2007) adquire-se um papel na sociedade ao conquistar seu espaço na cena familiar, sob proteção do adulto e viabilizando uma ponte para o aparecimento de “objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária.” (Lajolo e Zilberman, 2007, p. 16).

Em consonância a essa mudança, apesar da contribuição dos franceses a Literatura Infantil também teve sua ampliação concomitantemente na Inglaterra que se encontrava no contexto da Revolução Industrial no século XVIII, concretizando transformações tanto no meio econômico quanto no meio social. Por outro lado, também se atrela a solidificação da burguesia como uma classe social, que para que suas reivindicações fossem atendidas assegurou-se sob a instituição família e a instituição escola.

O estereótipo familiar que se seguia era pautado na divisão do trabalho assim como o modelo capitalista de organização social, portanto, com a nova concepção tudo girava em torno de um bem maior, a preocupação e formação do ser criança. O interesse com a infância trouxe consigo o aumento do consumo de mercadorias designadas as mesmas e aos responsáveis o dever do cuidado, proteção, a formação moral com valores e normas, ou seja, a preparação para serem atuantes na sociedade. A produção e consumo do objeto cultural fixa ainda mais a relação existente de dominação, a criança com visão e formação sob a ótica dos adultos:

Convém salientar, ainda, que a essa não-competência para a esfera analítico-conceitual acrescenta-se uma outra: a do domínio do código verbal assentado na capacidade de simbolização para a qual o pensamento infantil ainda não tem a competência suficiente, já que lhe falta a posse das convenções e das

regras gerais que lhe dão acesso à significação global. (Palo e Oliveira, 2006, p. 5)

Em contraposição a isso, “Como a família, a escola se qualifica como espaço de mediação entre a criança e a sociedade” (Lajolo e Zilberman, 2007, p. 16), assim, torna-se o principal meio de controle do desenvolvimento da criança. Para o consumo dos livros produzidos, a criança precisa de preparo, isto é, ter uma certa capacidade de usufruir pela presença dentro da instituição escolar, de maneira que os ensinamentos se fundamentavam na interpretação e interferência do adulto. Aqui, marcado totalmente por um período industrial, segundo Lajolo e Zilberman (2007), se dá os enlaces entre a literatura infantil e a escola a partir de exigências da época, com a indispensabilidade do ensino torna-se tracejado pelo aspecto pedagógico de ensino e mercadológico da disseminação das obras.

Em um parâmetro brasileiro, a literatura infantil escrita e publicada por brasileiros se desenvolve de forma tardio, ao final do século XIX. O Brasil, de certa forma, se equipara ao mesmo princípio europeu, posto que se deparava diante uma transição de regime político e pela ascensão de uma classe média urbana, “É nesse ponto que um novo mercado começa a se apresentar” (Zilberman, 2009, p.15).

Contudo, como a implementação da literatura infantil brasileira se deu com atrasos, os escritores brasileiros não tinham uma referência própria de sua pátria para atender as necessidades desse público. Sem tradição a seguir, a circulação dos livros se deu pelas traduções de obras estrangeiras, adaptações de livros que eram destinados ao adulto, reunindo as tradições populares a qual as crianças já tinham um certo contato, até chegar de fato ao modelo da literatura infantil brasileira, com características particulares.

Os pioneiros foram Carl Jansen (1823 ou 1829-1889), jornalista e professor que sentiu falta de livros de histórias apropriados para seus alunos e traduziu alguns clássicos, como por exemplo, *Robinson Crusoé* (1885) e *Viagens de Gulliver* (1888); e Figueiredo Pimentel (1869-1914), que seguindo os caminhos traçado pelos irmãos Grimm publicou algumas coletâneas, como *Os Contos da Carochinha* (1894), textos carregados da tradição oral para atingir ao público infantil.

Em suma, o modelo articulado na Europa e no Brasil assemelham-se as necessidades que deveriam ser atingidas à época. O surgimento da literatura infantil recaia fortemente para atender aos objetivos didáticos pedagógicos através da sua utilidade educativa em detrimento ao caráter estético, o que se explica a dicotomia

que ainda permeia nos dias de hoje acerca das finalidades desse gênero. Assim, veremos como trabalhar para que de fato concretize no espaço escolar um trabalho visando a formação do leitor literário através da leitura de livros.

2.2 Ler livros e formar leitores

A prática da leitura torna evidente seu papel crucial para a formação do leitor, devido à sua capacidade de atuar sobre a compreensão e influência das diversas perspectivas e interpretações sobre o mundo. Logo, quando praticada e incentivada, leva os leitores a uma troca de experiências acerca da relação e compreensão das vivências, sentidos e as formas como os textos se manifestam, o que revela a intertextualidade nessa prática. Nesse sentido, tal prática assume um papel fundamental no processo da formação leitora, assim como afirma Abramovich (1997):

Ler histórias para crianças, sempre, sempre. É poder sorrir, rir, dar gargalhadas com situações vividas pelos personagens, com idéias de um conto ou com o jeito de escrever dum autor, e, então, poder ser um pouco cúmplice deste momento de humor, de brincadeiras, de divertimento. É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). (Abramovich, 1997, p. 17).

Assim, ouvir histórias aproxima as crianças do universo narrativo e das situações descritas, possibilitando uma conexão entre aquilo que elas escutam e o que vivenciam cotidianamente, e a partir disso tornam-se capazes de interpretar as vivências e resolver problemas. Desse modo, as narrativas atuam sobre a formação cognitiva, afetiva e social, além de ser uma atividade que traz entretenimento.

Contudo, no espaço escolar, a literatura infantil tende a assumir o caráter utilitarista, haja vista a interferência sobre o universo do leitor mirim direcionando-o para a apropriação da linguagem. Essa questão tem provocado debates acerca da finalidade pedagógica da formação leitora e do ler literatura.

Apesar de ser um instrumento usual de formação da criança, participando, nesse caso, do mesmo paradigma pragmático que rege a atuação da família e da escola, a literatura infantil equilibra e, freqüentemente, até supera — essa inclinação pela incorporação ao texto do universo afetivo e emocional da criança. Por intermédio desse recurso, traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que, se exige, para efeitos de análise, a atitude decifrador do intérprete, é assimilada pela sensibilidade da criança. (Lajolo e Zilberman, 2007, p.19)

Isto é, a literatura é um instrumento que vai além de objetivos pedagógicos por seu caráter humanizador, “é grande o poder humanizador dessa construção” (Cândido, 1988, p.177) pois atua sobre sentimentos, emoções, o modo de ver o mundo a partir da relação que se dá com o real, contribuindo para o desenvolvimento integral, humano e emocional da criança.

Para a perspectiva da formação do leitor literário o processo de leitura de obras infantis requer a construção de um pensamento crítico e ampliação do imaginário. Visto isso, Palo e Oliveira (2006) destacam que considerar o aspecto estético da obra literária também configura uma forma significativa de aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário que a criança construa experiência estética e social na qual ocorre na relação com o livro e com a comunidade literária.

Segundo Colomer (2007), o ponto de partida da educação literária é a formação do leitor-pescador que, na infância, inicia-se pelas leituras orais, audiovisuais e das distintas maneiras que a literatura infantil se manifesta. “É, pois, através dos distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que a criança começa a fixar as bases de sua educação literária.” (Colomer, 2007, p.52). Na infância, mesmo que as crianças não saibam ler, são inseridas em atividades grupais que envolvem a escuta de histórias, lidas ou contadas, que por intermédio do adulto facilita seu desenvolvimento com participação ativa permitindo o seguimento no seu caminho literário. Sendo assim, a contação de histórias adquire o papel da mediação na figura do professor contador.

O professor contador é aquele que integra a narração de histórias como uma prática educacional, isto é, fará parte do cotidiano da sua sala de aula. Assim, ele é o responsável por tornar esse momento único, transformando a leitura em uma experiência para facilitar o encontro da criança com o universo literário. O professor deverá aclarar para seus alunos o caminho da leitura de fato com as práticas que se fundamentam criando entre si estratégias capazes de promover os níveis distintos do letramento.

De acordo com Bedran (2012, p. 27) “o ato de contar história nos dar amor e coragem para encarar a vida e concede um estímulo sábio as outras pessoas para que conquistem a autonomia e seguir seus próprios caminhos”. Como se pode observar, a contação de histórias abre caminhos para o fortalecimento da educação literária, cujo processo ocorre através do acúmulo de experiências. Trata-se de uma tendência que privilegia a potencialidade da própria criança. Como protagonista de

seu aprendizado, a criança aprende a ler literatura construindo o seu próprio repertório, navegando no imaginário e desfrutando das suas experiências. Portanto, o objetivo primordial é a formação da pessoa que, necessariamente, está ligada a outras competências como o desenvolvimento da criatividade, da capacidade interpretativa, da linguagem, entre outros.

3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O percurso histórico da Literatura Infantil demonstra que o ato de contar histórias não é algo novo, mas demandado de uma tradição oral presente na vida humana. Essa prática ancestral transforma-se em um elemento fundamental que interliga o passado e presente, por meio do repasse de saberes, valores e cultura que demonstram a essência de um povo. Nesse cenário, a contação de histórias além de oportunizar entretenimento aproxima as gerações.

De acordo com Colomer (2007), a leitura de contos de maneira livre, sem obrigações de cunho diretamente educativo tende a proporcionar maior estímulo para uma aprendizagem significativa. Por exemplo, momentos como rodas de conversa ou contação de história em que a leitura acontece como entretenimento e por fruição, proporcionam uma leitura prazerosa.

Em toda trajetória do ser infantil implica em inclui-la no universo lúdico, característica a qual a criança já está familiarizada no seu dia a dia. Deter-se desse artifício faz com que se realize um estímulo a aprendizagem por intermediário daquilo que a mesma já está acostumada, de certo, a contação de histórias faz parte desse universo lúdico que encanta e contribui para a formação do leitor mirim.

Rodari (2021) descreve que nas escolas de educação infantil de Reggio Emilia começou-se a “brincadeira do contador de histórias”, prática a qual já se encontra inserida nas brincadeiras do universo infantil que expressa grande potencial criativo por meio da criação de histórias estimulando o seu pensar de maneira espontânea.

O documento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC direciona que na infância é necessário que as práticas pedagógicas explorem a narrativa como meio de ampliar o repertório cultural e promover o desenvolvimento da expressão artística. Subsequentemente, na Educação Fundamental – Anos Iniciais, o eixo educação literária propõem que a criança tenha contato com a literatura com a finalidade de apreciação estética como alternativa para a leitura prazerosa. No entanto, não se trata de contar histórias de qualquer jeito, o instrumento da contação de histórias implica saberes e técnicas para que produza efeitos.

Outrossim, os ambientes virtuais têm sido dominantes na contemporaneidade, o que dificulta a permanência dessa prática. Ademais, a figura do professor contador assegura para que não seja esquecida fazendo uso de

estratégias e recursos diversos que prendem as crianças, como: voz, entonação, música, bonecos, gestos e outros.

Em um mundo repleto de transformações digitais, torna-se cada vez mais árduo manter essa prática milenar da contação viva, se não praticada corre o risco de desaparecer. Nesse espaço, exploraremos a seguir a relevância da contação de histórias e as competências necessárias para esse momento, bem como sua utilização como suporte para a formação dos leitores na infância.

3.1 Contação de histórias no século XXI

A prática da oralidade se traduz em mudanças culturais, sociais e tecnológicas, posto que sua presença está firmada desde o princípio da humanidade. Na era pré-histórica, por exemplo, os povos sentavam-se ao redor do fogo para contar histórias como forma de compartilhar experiências cotidianas, e posteriormente, quando passaram a ser registradas se transformaram como parte da cultura. Posto isso, Bedran (2012) afirma que:

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre. Contando sua própria história e do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como recurso vital e fundamental, sem ela, a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível (Bedran, 2012, p. 25).

Ou seja, a utilização da narrativa era uma configuração que direcionava para a construção de sentidos ao mundo ao seu redor, por meio da contação e interpretação para entender a própria existência. Na conjuntura contemporânea, a presença dessa prática passa a se adaptar conforme às tecnologias e contextos sociais vigentes, contudo, sem perder sua essência: compartilhar experiências e conectar-se com os outros.

Frente a isso, o mundo em que se vive está evidenciando que os sujeitos, e até mesmo as crianças, independentemente de qual classe social se encontra, estão completamente dominados pela fácil manipulação das tecnologias. A presença da contação de histórias no século XXI se traduz com o apoio dos suportes digitais que abrem espaços para a diversidade que se expressa.

Paradoxalmente, a arte, que pedia um tempo e o corpo presente para se desenvolver e envolver, se integrou à velocidade da virtualidade, assumindo novas feições, como as histórias mediadas pelo digital. Esta arte já não tem como característica apenas uma provável despretensão dos antigos

contadores, que se reuniam ao redor do fogo, ao pé da cama. Por outro lado, imprimiu-se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem diferença, como um texto mais elaborado sintaticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito-contador com domínio dos recursos vocais e corporais [...] (Bussato, 2013, p. 9).

Bussato (2013) em sua obra *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço* chama a atenção para reconhecer a importância da figura do contador de histórias para dar continuidade a essa prática, “tentando andar de braço dado com a era da informática, ao se lançar como uma cibercontadora” (BUSSATO, 2013, p. 9), de tal forma que se deve atentar para acompanhar as evoluções no tempo como possibilidade para que essa arte permaneça viva, adaptando-se as ferramentas tecnológicas.

É notório que com o advento das tecnologias a arte de narrar acaba sendo deixada um pouco de lado com as formas de comunicação mais rápidas, Benjamin (2012) considera que a difusão da informação está corroborando para a extinção da narração, haja vista que as pessoas estão à mercê da informação carregada de explicação que, diferentemente da narrativa não tem mistério, não causa nenhuma surpresa. Quanto a essa distinção entre informação e narrativa, Benjamin (2012) esclarece que:

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (Benjamin, 2012, p. 204).

Portanto, a difusão da informação torna as pessoas imediatistas, sem tempo, que não são capazes de apreciar uma boa história, ou até mesmo de socializar com o outro em uma era que todos tem acesso a tudo na hora. É nesse sentido que a contação desempenha seu papel para formação de pessoas mais humanas, solidárias, resgatando o elo de aproximação entre as mesmas.

“A narração oral no século XXI ganha uma nova dimensão ao ocupar o espaço telemático” (Stocker, 2022, p. 33), todavia, adaptar-se as mudanças no contexto da era digital não se trata de desprezar ou deixar ser esquecida a riqueza dessa prática milenar, mas, saber utilizar corretamente os recursos para aperfeiçoamento no ato de contar histórias e reconhecer outras perspectivas na performance de contação.

Percebe-se que os contadores atuais convivem com avanço das tecnologias e das comunicações. Por conseguinte, a arte de narrar ganhou novos suportes tais como: CDs, CD-ROMs, DVDs, Internet, sobretudo, como personalidade do Youtube, entre outros artifícios.

Com efeito, a principal diversificação aconteceu no contexto de como são apresentadas as histórias, assim, a contação de história adquiriu maior raio de ação social e, ao mesmo tempo, se insere nesta dinâmica da sociedade contemporânea, sem, contudo, desconstruir o elo com a arte ancestral. Dessa forma, a experiência torna-se única e submersível tanto para o contador quanto para o ouvinte.

Refere-se aos vários artifícios que complementam e instigam o interesse da criança, como por exemplo, um ambiente favorável e confortável para a hora da contação, com livros visíveis, ou recursos para abrilhantar esse momento: livros ilustrados, dedoches, avental de histórias, palitoches, teatro com utilização de fantoches, baú de histórias... e outros em que põe em prática a imaginação e fantasias das crianças.

O desenvolver da imaginação na educação infantil traduz-se em uma competência de grande destaque para a criança, pois nessa fase essa habilitação propiciará que a mesma consiga captar as diversas possibilidades de leitura de mundo, construindo significados e o seu pensar. De certa forma que, na sua juventude essa habilidade facilitará para a formação do pensamento crítico. Em conformidade ao pensamento de Rodari (2021):

Isso depende do fato de que a imaginação não é uma faculdade separada da mente: é a própria mente, em sua totalidade, que, aplicada mais vezes a uma atividade que a outra, usa sempre os mesmos procedimentos. E a mente nasce na luta, não no sossego (Rodari, 2021, p. 19).

Assim, do mesmo modo como Abramovich (1997) argumenta, é a partir do estímulo da contação de histórias pelas práticas e experiências que ela proporciona que são desenvolvidas “o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar...” (p. 23) entre outras que tornam-se essenciais para o reconhecimento de si, para a formação do ser infantil e para a construção do leitor mirim. Além disso, o desenvolver da escuta, da fala e do seu potencial crítico são competências que caminharão por toda a vida do ser humano.

O mundo abre espaço para a compreensão da interrelação e distinções entre os contadores tradicionais e os contadores contemporâneos. Benjamin (2012)

esclarece que o contador tradicional é pertencente a dois grupos: o camponês sedentário e o marinho comerciante, que respectivamente, um carrega consigo histórias e tradições do seu modo de vida em um determinado lugar, já o outro suas vivências dos lugares por onde passa viajando. Por outro lado, apesar da herança dos contadores tradicionais, os contemporâneos se deparam com outras perspectivas para essa contação e abordagens interativas.

As mudanças no ato de contação acompanham as mudanças emergentes do mundo contemporâneo e tecnológico, que demonstram evolução assim como o próprio gênero literário. O teatro de bonecos através de fantoches é uma possibilidade instigante para a criança, no sentido em que é possível deter-se de inúmeras alternativas que relacionam saberes e técnicas dos contadores tradicionais e contemporâneos.

O emprego da entonação da voz, o manusear dos fantoches, a aplicação de emoções, noções de tempo, uso de músicas, tudo com intenção de captar a infância e seu universo infantil para a aproximação e formação da educação literária de forma prazerosa, divertida e não como uma obrigação. E consequentemente, conforme Benjamin (2012, p. 205) “ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las”, colaborando para a interação maior com professor e as demais crianças do seu convívio e para que esse ato de contação não desapareça em um meio dominado pelas tecnologias.

3.2 Técnicas de contar histórias

Visto que a contação de história se configura em um mecanismo que merece ser valorizado e resgatado por seu caráter educativo e recreativo ao público infantil, consequentemente, exige competências afim de proporcionar experiências significativas para quem ouve. Assim, para provocar encantamento o contador se atentará para o emprego da voz, expressões, gestos, e principalmente recursos visuais e lúdicos com o intuito de captar a atenção e fazer com que as crianças consigam criar cenas na mente por meio do exercício da imaginação.

Nessa perspectiva, ao contador compete algumas técnicas e habilidades para aprimorar a hora do conto e para que essa prática obtenha êxito. Em concordância, a contadora Vania Dohme (2017) argumenta que para contar-se uma

boa história é necessário voltar a ser criança, pois assim verá o mundo sob a ótica dos pequenos leitores para uma experiência surpreendente e submersível.

De forma contínua, a autora apresenta e reforça a ideia que para maior segurança do contador/narrador deve-se primeiramente entender a história a qual irá contar. Para isso, discorre 4 partes para a compreensão da história:

- **Introdução:** com o intuito de situar o ouvinte na história, bem como, temática, personagens, local e tempo em que se passa.
- **Enredo:** entender aquilo que é caracterizado como essencial na história e aquilo que é detalhe, captando a mensagem principal.
- **Ponto culminante:** o ponto culminante é o que pode ser chamado de ponto chave da história, que pode ser da como um momento decisivo, de emoção, conflito ou tensão.
- **Desfecho:** o encerramento da história, conclusão.

Assim, a compreensão dessas 4 partes da narrativa proposta por Dohme (2017) facilitará a aplicação prática, tal como a escolha das estratégias visando o envolvimento de quem ouve. Dessa maneira, entende-se que tudo parte da escolha da obra literária, em que o contador deve estar atento para o conhecimento do contexto o qual seu público está pertencente, selecionar leituras as quais estejam adequadas tanto a faixa etária quanto ao interesse das crianças.

Após a escolha, acontece o estudo dos elementos da história, como: enredo, personagens, cenários e a mensagem/conteúdo, pois permite a organização individual acerca daquilo que se deseja explorar, adaptações e aos recursos que se farão presentes. Quando o contador conhece bem a história a qual deseja contar, ele consegue garantir o interesse da criança do início ao fim, pois segundo Bia Bedran (2012), a narração oral:

[...] Possui segredos de ritmo que levam à concatenação ideal dos efeitos do enredo da história, para que então a arte do relato oral seja alcançada. Para manter aceso o desejo de se ouvir o restante de uma história, o narrador deve saber operar a continuidade e a descontinuidade do tempo [...] (Bedran, 2012, p. 120).

Uma das ferramentas que mais o contador fará uso é a voz, e seus complementares como gestos e expressões. É por meio da voz que é possível determinar ritmo, volume da voz, intensidades, e diferenciações, como por exemplo, ao atribuir diferentes vozes para personagens com o objetivo de envolver e prender a atenção na história.

O movimento corporal e facial serve como complemento da voz para representar ações dentro de uma história, concretizar emoções através de gestos e olhares, e de certa forma ajudam na determinação de ritmo, pausas, além de estimular a imaginação da criança, “Contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense e emoção, no qual enredo e personagens ganham vida, transformando tanto narrador como ouvinte.” (Stocker, 2022, p.30). De fato, a união de tudo faz com que crie uma relação de aproximação e cumplicidade entre quem ouve e quem conta, tornando cada elemento da história mais vivo e concreto. Cabe ressaltar, que nesse momento os recursos auxiliares transformam as narrativas, especialmente recursos visuais e lúdicos que já se adequam ao universo infantil.

Quanto a isso, Stocker (2022, p. 30) afirma que “Para torná-las mais atraentes e fáceis de serem assimiladas, é interessante o uso de músicas, gravuras, desenhos, bonecos, fantoches e dobraduras, que irão atrair a atenção dos ouvintes”. A exemplo, cita-se o recurso fantoches que fascina o público infantil graças a sua capacidade de animação. Os fantoches atuam sob duas dimensões: a fantasia e o brincar, sendo concomitantemente personagens e brinquedos, Rodari (2021) enfatiza que “A linguagem própria dos fantoches e das marionetes é o movimento” (p. 162), ou seja, ganham vida através da capacidade de manipulação e tornam as narrativas mais concretas, participativas e encantadoras.

Portanto, a partir da sua preparação para sua aplicação prática o professor contador pode deter-se de um roteiro: Inicialmente, uma conversa inicial com seu público buscando aproximação, fazendo levantamento prévios como estratégia para despertar o interesse e envolvimento para a narração. Posteriormente, a preparação das crianças para a história que está por vir, como por exemplo, por meio de uma música, para que se atente ao que vem adiante: o espetáculo, a narração com os personagens conforme definido pelo contador.

Para finalizar, pode deixar em aberto para participação das crianças de forma livre ou direcionada. O autor Abramovich (2005) argumenta sobre deixar a criança expressar-se por si só, da sua maneira: “Por que não deixar a criança – sozinha – descobrir essa especificidade que ela sentiu, percebeu... e escolher sobre o que falar?”, assim a criança torna-se autônoma para organizar seu pensamento e falar sobre o que mais chamou sua atenção de forma espontânea, tirando a forma rígida de condução da contação de maneira formal como ocorre dentro do espaço escolar.

Por outro lado, pode-se conduzir por meio da técnica das hipóteses definido por Rodari (2021) que acontece por meio de uma pergunta “o que aconteceria se...?” (p.291), que estimula a imaginação e o pensamento criativo infantil a partir de uma situação, em que mais do que falar, a criança vai estar explorando outras possibilidades na narrativa, bem como, construir outro final para a história ou o que aconteceria caso fizesse outra escolha.

Em síntese, ambas colocam o ser infantil como protagonista da sua aprendizagem ampliando sua experiência com a leitura, e faz com que se sintam à vontade para participar de momentos de leituras por prazer e não por obrigação. É nesse momento que fica perceptível o quanto a prática da contação de história pode atuar positivamente quando bem planejada, para favorecer uma educação literária desde a infância, e consequentemente o desenvolver de habilidades e competências que são essenciais para a vida social e intelectual do ser infantil, além de que ressignifica o contato e estímulo para uma prática leitora prazerosa e significativa.

3.3 Contando histórias e formando leitores literários

A formação de leitores nos dias atuais profundamente marcado pela era digital tem se transformado em uma tarefa cada vez mais árdua. Dado esse contexto as quais as crianças estão inseridas, é necessário reavaliar a posição em que a leitura se encontra na vida desde a infância. A instituição escolar quando demonstra preocupação frente a essa problemática, ao pensar e investir em estratégias que incentivem o contato com a leitura está direcionando para a construção de leitores aptos a exercer a sua capacidade de pensar reflexivamente, ao questionar e interpretar por conta própria. Ademais, isso dependerá de como é executada o momento da contação:

De fato, nada é mais aconchegante do que ouvir e sentir uma boa e bem contada história em que as palavras e seus significados se fundem ao som do narrador, que por sua vez agrega múltiplos sentidos, que se dirigem poeticamente para o imaginário do ouvinte que então vê as imagens nascentes com base na narrativa (Bedran, 2012, p. 28).

Nesse cenário, nota-se que tudo parte de uma narrativa envolvente e que a formação de leitores mirins requer um conjunto de estratégias que envolvem o planejar de uma contação com o objetivo de favorecer uma vivência leitora. Assim, fica claro que o intuito central da contação de história é uma literatura positiva que

garante uma experiência dentro da leitura que enriquece e mostra uma realidade que ativa a inspiração e o conhecimento de si e do outro, e fixa o comprometimento nesse processo para a formação do leitor.

Dado o grande potencial da contação, “a criança dependendo do seu momento, de sua experiência, de sua vivência, de duas dúvidas, pode estar interessada em conhecer sobre qualquer assunto” (Abramovich, 2005, p.98) dado que por meio da sua curiosidade pode-se conhecer novos conceitos, formação da sua identidade, o modo de viver de outros povos, ou pelo simples fato de apenas se encontrar dentro de uma história. Porém, há interferência também de como a contação de história é incorporada para abrir espaço onde o prazer, o encantamento e a descoberta se fazem presentes, o que ultrapassa a sua mera curiosidade.

Com as inquietações advindas desse momento atua sobre interesse da criança, de um lado por querer saber mais, e do outro que o de melhor aprender seja despertado, estimulando o cognitivo infantil com o desenvolvimento do seu potencial crítico por intermédio do seu pensar através de uma situação, temática ou problema descrito.

Trata-se de uma arte que ressignifica a dinâmica comunicativa, a troca que acontece durante o processo de contação de histórias cria-se uma relação de amor, cumplicidade e escuta entre as partes, “É por isso que a arte de contar histórias jamais deverá perecer e devemos disseminá-la sempre, mais e mais, por todos os cantos.” (Stocker, 2022, p. 69), a comunicação de modo dialógico e não somente centrado na figura do professor contador faz com que na leitura haja prazer, participando ativamente por meio da troca mútua.

Pois é preciso saber se se gostou ou não do que foi contado, se se concordou ou não com o que foi contado... É perceber que ficou super-envolvido, querendo ler de novo mil vezes (apenas algumas partes, um capítulo especial, o livro todinho ...) ou saber que detestou e não quer mais nenhuma aproximação com aquela história tão chata, tão boba ou tão sem graça ... É formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a amar um autor, um gênero, uma idéia, um assunto e, daí, ir seguindo por essa trilha e ir encontrando outros e novos volumes... (que talvez façam o amor pelo autor redobrar, ou provoquem uma decepção... isso tudo faz parte da vida!). (Abramovich, 1999, p. 143-144).

Logo, percebe-se que na escola a forma como deve ser incorporada a contação de histórias vai muito além de estímulos apenas da escuta e a memorização. De acordo com Rodari (2021) é significativo atentar-se para o desenvolver da imaginação e da criatividade, pois também são características intimamente ligadas

com a capacidade de construção do pensamento, e o instrumento da contação de história oportuniza o momento de socialização sobre aquilo que se acabou de ler para o desenvolver desses potenciais de forma natural. Por conseguinte, considerá-las direciona para a formação de leitores críticos, aptos a interpretar e transformar a realidade.

Fica evidente, segundo estudos dos autores, como por exemplo de Stocker (2022) o quanto essa prática é eficaz para garantir e incentivar o gosto pela leitura, o fato das inúmeras possibilidades de exploração e aproximação entre a criança e o livro que faz com essa prática seja cada vez mais valorizada, ao direcioná-las para o conhecimento de diferentes histórias, contextos, aumentando o repertório literário e linguístico dos leitores mirins, estimulando o desenvolvimento de diversas linguagens e competências, além de que ao incluí-la nesses ambientes facilita o acesso para todos.

4 METODOLOGIA

O trabalho empreendeu de um conjunto de procedimentos com foco no alcance dos objetivos definidos. Para tanto, adotou-se como método de abordagem a pesquisa quati-qualitativa buscando uma análise mais completa para o estudo, diante das informações coletadas. Tal método de abordagem pode ser caracterizado como:

primeiramente é conduzida a fase qualitativa para se conhecer o fenômeno estudado. De posse dessas informações, parte-se para a construção de um questionário fechado e aplicado no setor. Depois da tabulação, é feita a análise dos dados com auxílio de instrumentos estatísticos (Silva, 2014, p.20-21).

Os métodos de investigação empregados foram a pesquisa bibliográfica e a observacional pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (Gil, 2002, p.44), o que permitiu o levantamento da bibliografia e estudo das obras selecionadas para ampliar o entendimento conforme a historicidade e os dias atuais.

Logo após, partimos para a pesquisa de campo, em que “o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência” (Gil, 2002, p.53). Assim, é possível fazer-se parte da situação de estudo, por meio da vivência concreta, pela aproximação com o público estudado para identificar e coletar dados, e posteriormente, propor ações com experiências significativas capaz de atuar na transformação da realidade vigente.

Na etapa de coleta de dados, as técnicas selecionadas foram a aplicação do questionário e a observação participante, cuja análise e interpretação é descritiva. Desse modo, permite que a análise e interpretação dos dados se relacione intimamente com os estudos teóricos, aqueles os quais os autores já investigaram sobre o assunto. Sendo assim, os resultados obtidos tendem a ser reais e significativos

Com isso, na pesquisa de campo seguiu-se os seguintes passos: a observação participante, a aplicação do questionário, a análise e interpretação dos dados coletados, e o trabalho de intervenção. O trabalho de intervenção concretizou-se na aplicação de atividades referentes à contação de histórias, o que se sucedeu pelas seguintes etapas necessárias: escolha e leitura das obras selecionadas; adaptações das histórias escolhidas; ensaios; e a apresentação da história.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Caracterização da escola campo

As atividades foram desenvolvidas no Colégio Militar Tiradentes XXXI Papa João Paulo II, de subordinação municipal, localizada na Rua Dr. Edmilson Gonçalves, nº 263, bairro Aeroporto, na cidade de Santa Inês - MA. A escola acolhe um total de 755 alunos, distribuídos em 25 turmas, das quais 14 turmas funcionam no turno matutino, atendendo os anos iniciais do ensino fundamental, com 394 alunos matriculados, e no turno vespertino atende aos anos finais do ensino fundamental, funcionando 11 turmas, com 361 alunos matriculados. Quanto a estrutura física, a escola contempla 14 salas, 01 sala de diretoria, 01 biblioteca, 01 sala de professores, 02 banheiros (feminino e masculino), 01 cozinha, 01 sala de administração, 1 sala de AEE (Sala de Atendimento Especializado), 01 sala de monitoria, 01 depósito, 01 quadra para aulas de educação física e pátio que possui área coberta e descoberta. Quanto ao quadro de profissionais que atuam na escola, é formado por 02 gestores, 02 supervisores, 52 professores, 12 AOSGS (auxiliar de serviços gerais), 05 agentes administrativos, 11 monitores, 03 vigias, 01 professor intérprete e 02 professores AEE.

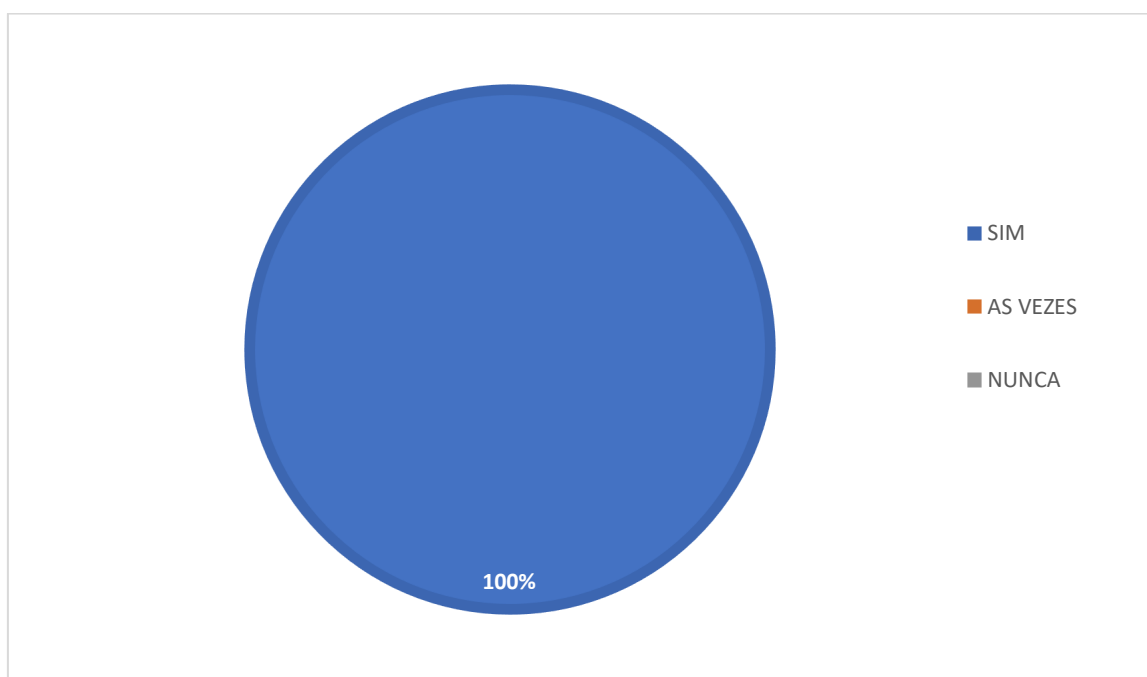
5.2 Visão dos docentes acerca da contação de história.

No processo de formação literária do ser infantil o professor desempenha um papel crucial de mediador, uma vez que pela maneira que ocorre a sua condução da leitura que se dará o grau de aproximação entre a criança e o livro. Por isso, o entendimento desses profissionais acerca de suas competências designadas no meio educacional é de suma relevância para estudo, bem como as estratégias pedagógicas pelas quais se concretizam as atividades de literacia com vista à formação do leitor literário.

Frente a isso, foi elaborado e aplicado um questionário com 06 (seis) perguntas para um maior entendimento, sendo 03 (três) perguntas subjetivas e 03 (três) perguntas objetivas. O questionário priorizou questões relacionadas a investigação dos fundamentos teóricos e metodológicos da contação de história, e os seus desafios para melhor compreender a aquisição dessa prática dentro do espaço escolar.

Com vista a alcançar os objetivos propostos, contamos com a participação e contribuição de três (03) professoras do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e da direção do Colégio Militar Tiradentes – Unidade XXXI - Papa João Paulo II, o que possibilitou uma interpretação mais profunda. Assim, vamos diferenciar as professoras por numeração, isto é: 1, 2, e 3.

Gráfico 1 – Análise da primeira questão: A instituição escolar adere ao momento de contação de histórias para a aprendizagem dos alunos?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

De acordo com os dados expostos no gráfico acima, 100% dos participantes da presente pesquisa afirmam que a instituição escolar adere ao momento de contação de histórias para a aprendizagem dos alunos. Partindo disso, torna-se um resultado significativo para a preservação da prática da contação e construção de um pequeno leitor literário.

Stocker (2022) argumenta sobre o valor de uma história contada:

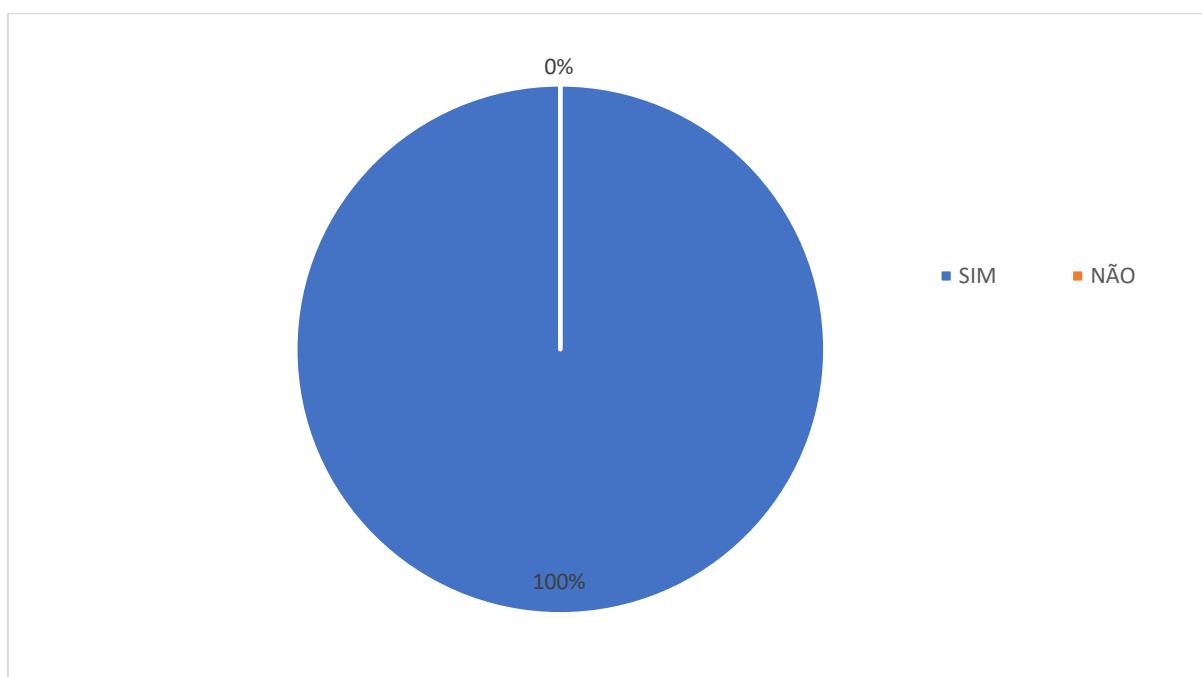
Como fazer as crianças que não sabem ler despertarem para o universo mágico dos contos literários? Como iniciá-las no mundo da leitura? Por meio da história contada, em suas diversas modalidades, com o uso de bonecos ou de pequenos recursos visuais – como indumentária de personagens e objetos referentes ao tema, com um livro na mão ou apenas utilizando a voz –, a literatura pode ser oferecida como atividade lúdica e prazerosa. (Stocker, 2022, p. 15)

De acordo com isso, fica evidente a significância da contação de história no momento de literacia para o desenvolvimento das potencialidades e aprendizagem dos alunos. Pois, além de contribuir para que essa prática não desapareça, também possibilita uma experiência única para quem ouve e para quem está na figura de contador. Essa forma prazerosa de trabalhar literatura enriquece o processo de ensino-aprendizagem, criando um gosto pela leitura desde pequenos.

No entanto, somente a presença dessa abordagem no ambiente escolar não se torna suficiente para a eficácia, mas do que aderir, é preciso refletir e avaliar sobre como essa prática se manifesta. A sua qualidade e efetividade está intrinsecamente descrita pela intencionalidade pedagógica definida, pela maneira como o professor se planeja e organiza para que seus objetivos sejam alcançados.

Nesse sentido, essa atenção dos educadores é que traz a contribuição para envolvimento ativo dos educandos no processo de aprendizagem.

Gráfico 2 – Análise da segunda questão: A escola dispõe de materiais para a contação de histórias?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Como pode-se observar, 100% dos participantes afirmam que a escola fornece materiais para a realização da contação de histórias. Partindo dessa análise, compreende-se que quando uma instituição escolar reconhece o valor de uma prática educativa e se compromete com a concretização, oferecendo suporte pedagógico aos

profissionais para a realização do seu trabalho, como a disponibilização de materiais/recursos, os resultados tendem a ser positivos.

Contudo, deve-se ter a atenção para que não haja uma limitação acerca do reconhecimento desses recursos referindo-se apenas a utilização de livros. O livro sempre será objeto primordial que deve ser manuseado e explorado no processo de construção da criança leitora, ou seja, não se trata de deixá-lo de lado e desconsiderar sua relevância, mas de ampliar a ideia de “recursos” para as diversas formas que há de potencializar e aprimorar o mergulho no universo literário.

Ao exercitar atividades lúdicas como a contação de histórias, que desperte nas crianças a vontade de explorar o desconhecido por meio da imaginação dos contos, será possível formar uma geração de pequenos leitores, preparados para enfrentar o mundo no qual estão inseridos (Stocker, 2022, p. 25).

Do mesmo modo, os trabalhos proferidos por Bia Bedran (2012), Cléo Bussato (2013), Giuliano Tierno (2010), Vânia D’Angelo Dohme (2017), afirmam que o ato de contar ainda permanece vivo, porém, incorporando novos recursos. Na hora do conto, a diversidade de recursos que podem ser utilizados fornece a esse momento da leitura mais interesse por parte dos alunos ao unir o pedagógico com lúdico.

Além dos recursos, assim como afirma Stocker (2022), no ambiente escolar o texto literário se faz presente por meio de múltiplas linguagens, bem como, a música, a poesia, o teatro, o que conseqüentemente traz possibilidades de ligação com os intuítos pedagógicos, atuando assim ao gosto pela leitura, enriquecendo seu vocabulário e repertório literário, desenvolvendo a imaginação, criatividade, linguagem e a expressão corporal.

Quadro 1 – Análise da terceira questão: Há algum obstáculo que dificulte a realização da contação de história de maneira lúdica?

PROFESSORA 1	Sim – esse tipo de proposta exige um ambiente completo quanto aos recursos necessários para a aula.
PROFESSORA 2	Sim, sala cheia, fica difícil a organização da sala. Biblioteca ainda necessita de organização para essa atividade.
PROFESSORA 3	Sim, o espaço inadequado com sala superlotadas e a dificuldade em montar um cantinho da leitura estruturado, assim como um espaço acolhedor na biblioteca.

DIRETOR	Não, temos fantoches e espaço do cantinho de leitura nos 1º anos.
----------------	---

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Na análise da terceira questão, é notório a divergência nas respostas das professoras e direção. Enquanto o diretor da instituição escolar afirma que não há dificuldades, todas as profissionais afirmam que há obstáculos para a efetivação. Assim, pode-se inferir que apesar da valorização do momento da história, sua realização de maneira lúdica é um empasse para as participantes da pesquisa.

Obstáculos como ambientes inadequados, falta de recursos necessários, salas com grandes números de alunos são bem comuns e acabam impedindo que se proporcione uma experiência completa e instigante aos alunos. Entende-se que, a divergência nas respostas dos participantes da pesquisa evidencia um distanciamento entre os membros da comunidade escolar para estratégias que estejam de acordo com a realidade da sala de aula.

De acordo com Dohme (2017) quando a criança se identifica e cria gosto pelo que é preparado, refletirá positivamente no seu comportamento e aprendizagem, com a compreensão desses momentos ligados a escuta, paciência, reflexão, criará uma prática satisfatória e como resultado observa-se que naturalmente há a aquisição de uma postura atenciosa e mais participativa. Logo, o universo lúdico apresenta grande competência para esse processo.

Em contraste, a formação continuada revela-se como um elemento complementar para que os educadores saibam lidar com as novas formas que o momento da contação tende a assumir nos dias de hoje. A preparação dos profissionais garante uma prática pedagógica eficiente com o emprego criativo e direcionado, permitindo a potencialização dos educadores em sua ação por meio do uso consciente e adequado dos recursos.

Quadro 2 – Análise da quarta questão: Como a contação de história pode contribuir para a formação do leitor literário?

PROFESSORA 1	Desperta a atenção e a criatividade ao imaginar-se dentro do contexto da contação.
---------------------	--

PROFESSORA 2	Desperta o interesse pela leitura, desenvolvendo a imaginação, a linguagem e a fantasia dos personagens da história.
PROFESSORA 3	Desenvolve a imaginação, a criatividade e estimula o prazer pela leitura e escrita.
DIRETOR	O gosto pela leitura nasce quando os alunos recebem o incentivo no espaço escolar e na sua residência.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

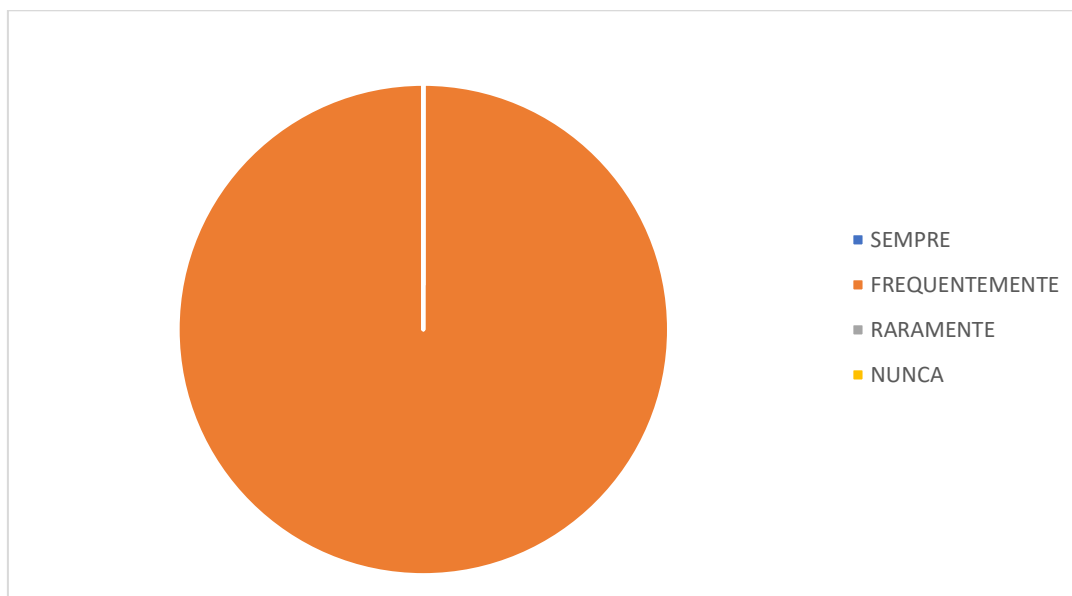
No quarto questionamento, os entrevistados da pesquisa revelam concordância nas respostas e realçam a importância dessa prática da contação na formação do leitor literário, assim como, os benefícios desse momento para o contexto educacional. De modo geral, é retratada como um recurso poderoso para fazer com que os alunos despertem um gosto pela leitura com incentivo da escola e da família. Frente a isso, Coelho (2000) destaca o papel formador que a literatura destinada a infância tende a assumir na sociedade.

Estamos com aqueles que dizem: Sim. A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (p.15)

O livro, além da capacidade de divertir e entreter, também atua como suporte no desenvolvimento de outras competências, como por exemplo, na formação do pensamento, atribuições de valores, imaginação e outros. O hábito da leitura se torna primordial para incitar ao interesse com os livros e concorrer para uma leitura prazerosa, para assim, superar as barreiras que afastam os alunos do hábito de ler.

E, de certo modo, isso acontece pelo contato espontâneo com o livro, por gosto e curiosidade do ser infantil, ou pelo diálogo leitor/texto, em que a escola orienta a leitura para que ocorra a formação desse leitor literário. Visto isso, todos os entrevistados reconhecem a contação como uma relevante estratégia para incentivar os pequenos a uma prática leitora.

Gráfico 3 – Análise da quinta questão: Com que frequência o ato de contação de história são realizados em sua sala de aula?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Ao analisar o quinto questionamento, observou-se dois pontos: De um lado 100% dos participantes afirmam o uso frequente da estratégia da contação de histórias dentro do espaço da sala de aula. Porém, por outro lado, observa-se que os mesmos participantes, com exceção da direção, diante da realidade vivenciada expuseram dificuldades na realização dessa prática.

Tradicionalmente, a presença da literatura no ambiente educacional resumia-se a função utilitário-pedagógica, usufruindo-se apenas como instrumento de ensino. Segundo Cândido (1988, p. 176) “No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas”, dessa forma, isso é possível pois o texto literário não é uma atividade estática e controlada pela instituição escolar direcionada apenas para a aquisição da leitura e escrita, mas permite sua utilização de maneira criativa e flexível.

Por conseguinte, é justamente por assumir esse caráter livre que se torna viável as múltiplas possibilidades de conhecimentos, bem como, pensar em diferentes perspectivas, conhecer novas culturas, recontar histórias a partir daquilo que entenderam, e atua na formação integral de um ser que é capaz de pensar de diferentes maneiras. Levando em consideração que a literatura quando bem praticada tem um grande potencial, torna-se essencial construir uma relação entre o leitor e o livro e garantir sua presença constante.

Quadro 3 – Análise da sexta questão: Os alunos gostam desse momento de contação de história durante as aulas?

PROFESSORA 1	Gostam e interagem de forma muito produtiva e abrangente.
PROFESSORA 2	Sim, porque usam a imaginação para recontar a história de acordo com seu entendimento.
PROFESSORA 3	Sim, recontam a história, fazem interpretações de acordo com seu entendimento.
DIRETOR	Sim, além de deslumbrar uma leitura maravilhosa, eles podem também viajar em um mundo literário usando a imaginação.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Na sexta questão, todos os participantes revelam que o momento da contação de histórias é bem apreciado pelas crianças, por sua capacidade de interação, por gostar das histórias selecionadas, e pela capacidade de participar recontando a história. Assim, isso se dá graças a aproximação da prática da contação ao universo infantil: o caráter lúdico.

De acordo com Rodari (2021), a brincadeira não deve ser vista como algo inferior e sem sentido na aprendizagem infantil, considerá-la significa reconhecer a presença da fantasia e imaginação. Características as quais se faz presente na estratégia da contação de histórias, que traz possibilidade de ligação e associação com a realidade da infância, facilitando a compreensão e captação das informações, levando a uma aprendizagem significativa. Dessa forma, pode-se perceber que as crianças ficam mais engajadas com práticas bem estruturadas e quando passam a participar ativamente.

5.3 Proposta pedagógica: sugestões lúdicas para contar histórias.

A presente proposta pedagógica tem como objetivo principal apresentar estratégias lúdicas de contação de histórias voltadas para o 1º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Militar Tiradentes XXXI – Papa João Paulo II.

Compreendendo o período de 6 e 7 anos, como ferramenta essencial na formação do leitor literário. Parte-se do pressuposto de que o contato com a literatura desde os primeiros anos de vida é determinante para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da sensibilidade e do vínculo afetivo com o livro e com a leitura.

A literatura infantil é uma forma de comunicação e interação que traz consigo historicidade, a forma como deu seu surgimento e os contadores tradicionais revelam uma relação que desde sempre se pautou na finalidade educativa. Tais apropriações sobre o uso das histórias oralizadas trouxe marcas para como se dá o uso no espaço escolar nos dias de hoje.

Na perspectiva da função utilitário-pedagógica, o repasse de histórias comumente refletia ensinamentos que direcionavam para a formação da moral, de valores e comportamentos que possam ser considerados certos ou errados. Ao encaminhar-se para a instituição educacional, sua utilização se dá de acordo com os conteúdos escolares, o que evidencia uma limitação em explorar de fato o gênero em questão. Dessa forma, privilegia-se apenas o caráter pedagógico e deixa de lado a dimensão estética.

Segundo Coelho (2000, p.30) “a valorização da literatura infantil, como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das sociedades, é conquista recente.”, frente a essa afirmação, surgiram outras perspectivas para o ensino da literatura tais como o letramento literário e o leitor literário. Ambas as perspectivas primam a apropriação da literatura como processo contínuo para a formação do leitor.

Contar histórias para criança vai muito além de entreter. Nesses anos, a criança ainda não tem todo o desenvolvimento da leitura e escrita, mas entende tudo através da voz, do olhar, dos gestos e da emoção de quem conta histórias. Por isso, a contação de histórias vira uma ponte direta entre a criança e a literatura.

A ideia desta proposta é mostrar que dá pra transformar esse momento em algo planejado, divertido e cheio de significado dentro do espaço escolar incentivando o gosto pela leitura. Não é só pegar um livro e ler correndo quando sobra tempo. É pensar a contação como parte importante da rotina, com o objetivo de fazer a criança criar gosto pela leitura, soltar a imaginação, aprender a ouvir e, mais pra frente, querer ler sozinha. Colomer (2007):

Os livros introduzem as crianças a uma nova forma de comunicação no qual importa o *como* e na qual a pessoa se detém para apreciar a *textura* e a

espessura das palavras e das imagens, as formas como a literatura e artes plásticas elaboraram a linguagem, e as formas visuais para expressar a realidade de um modo artístico. Ou seja, o acesso a um modo especificamente humano de ver e sentir o mundo (Colomer, 2007, p.61).

A BNCC já fala sobre isso quando coloca que a criança tem direito de ter contato com diferentes textos e com a literatura infantil. Ou seja, contar histórias na escola não é um extra. É um direito da criança e um dever da escola, e nós fizemos isso através do Teatro de bonecos.

A partir dessa compreensão, o ambiente educativo deve refletir mudanças necessárias para as práticas pedagógicas. Com efeito, visando atingir o público infantil, esse gênero literário tende a incorporar-se pela antiga arte milenar da contação de histórias e pelas múltiplas maneiras as quais tende a se manifestar atualmente. Quanto a isso, Rodari (2021) contempla sobre o valor de aliar-se a brincadeira no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil:

A brincadeira não é uma simples recordação de impressões vividas, mas uma reelaboração criativa delas, um processo em que a criança associa os dados da experiência para construir uma nova realidade, correspondente as suas curiosidades e aos seus anseios. Todavia, exatamente porque a imaginação se constrói apenas com materiais colhidos na realidade (E por isso pode ser maior no adulto), é preciso que a criança, para alimentar a imaginação e aplicá-la a tarefas pertinentes, para reforçar sua estrutura e ampliar seus horizontes, cresça num ambiente rico de impulsos e estímulos em todos os sentidos.

A narração de histórias através de uma abordagem lúdica faz com que a criança aprenda brincando, se envolvendo, colocando a mão na massa. E a estratégia usada por nós, foi o teatro de bonecos que através dos fantoches abrange linguagem, cognição, emoção, socialização e coordenação motora. Por isso é uma das técnicas mais usadas na Educação Infantil. Mas também cita-se outras sugestões como: Baú de Histórias, Caixa Sensorial da História, Teatro de Sombras, Fantoches de Sacola de Papel, Roda de Reconto entre outras.

A prática da contação de histórias pela vivência de experiências lúdicas facilita na compreensão de conceitos para a criança, uma vez que, as histórias, conforme Dohme (2017, p.18) “Tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto.”, isto é, o raciocínio da criança se organizará e desenvolverá a partir do momento que se depara com coisas reais e concretas para assimilação de conceitos. Sendo assim, é pela contação que um conceito abstrato pode ser traduzido em um comportamento que evidencie ação e consequência para dar mais clareza ao pensamento infantil.

Depois que a história acaba, não deixe morrer ali. Chamamos as crianças pra contarem de novo do jeito delas. Pode ser com fantoche, com desenho, com teatro. Quando a criança vira a contadora, ela mostra que entendeu tudo e ainda desenvolve a fala e a criatividade. O resultado fica perceptível quando no dia a dia: a criança que começa a pegar livro sozinha no cantinho da leitura, que pede “tia, conta de novo”, que usa palavras novas que ouviu na história, que inventa suas próprias narrativas na hora do faz de conta. Esse é o resultado.

No fim das contas, antes de aprender as letras, a criança precisa querer chegar perto do livro. E esse desejo nasce de momentos gostosos, de histórias bem contadas, do colo da professora e da empolgação na roda. Quando a escola garante isso todos os dias, ela está formando leitores de verdade: crianças que amam histórias hoje e que vão amar ler amanhã.

5.4 Contação de histórias no espaço escolar e não escolar

As aplicações da proposta pedagógica em questão foram desenvolvidas em espaço escolar e não escolar, tendo como alvo o público infantil. Cândido (1998) afirma, que a literatura é um direito universal, portanto, leva-la ao alcance das pessoas é fundamental. Em concordância ao pensamento do autor citado, leva-se em consideração que essa prática literária não se restringe somente ao ambiente escolar, mas também se faz presente em outros lugares na nossa sociedade.

Figura 1 – Primeira aplicação da proposta



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Assim, no dia 23 de Abril de 2025, marcou-se presença na segunda etapa do projeto “Inspire-se: eu escritor”, organizado pela SEMED da cidade de Santa Inês, que aconteceu no Espaço Ler e Crescer, em que as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar duas histórias: “Uma viagem pela Ilha Encantada” e “Chapeuzinho Vermelho”.

Como aconteceu em um espaço não escolar, tais histórias foram dramatizadas através do seguinte roteiro: uma breve conversa inicial com público para apresentação da história, seguindo para a dramatização, e finalizando com uma roda de conversa para expressarem se gostaram das histórias ou sobre algo que chamou sua atenção.

Na história “Uma viagem pela ilha encantada” utilizou-se o recurso do teatro de bonecos, onde foi possível levar a experiência da dramatização com os fantoches, carregada de saberes culturais do Maranhão. Diante de todos os elementos para a contação, bem como, personagens, voz, performance, nota-se um amplo interesse e concentração das crianças.

A segunda dramatização a qual tiveram contato foi com a história da “Chapeuzinho Vermelho”, um clássico do universo infantil. O recurso utilizado para essa história foi de uma boneca 3 em 1, isto é, com a transformação dos personagens em Lobo, Chapeuzinho vermelho, e a vovó, em conjunto com os outros elementos, como voz, entonação, música, propiciou muita interação e surpresa das crianças durante o momento da contação.

Figura 2 – Segunda aplicação da proposta



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A segunda aplicação da proposta foi realizada em espaço escolar, no dia 27 de agosto, e foi conduzida a partir do seguinte roteiro: motivação, introdução, contação da história e participação (interpretação). Seguindo esse princípio, adotamos como motivação duas propostas: uma breve roda de conversa afim de captar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática, lendas maranhenses (folclore), e posteriormente, foi cantada uma música de abertura como preparação para esse momento da contação de história.

O próximo passo do roteiro é a introdução. Momento destinado ao conhecimento sobre a história a qual seria contada, ou seja, apresentação do título da obra, apresentação da autora (o), os personagens da obra, assunto principal da obra, e etc. O título da obra escolhida para este dia é: “Uma viagem pela Ilha Encantada”, cujo autor é Wilson Marques. A história foi adaptada para que fosse transmitida com o uso de bonecos fantoches, em forma de dramatização.

Em seguida, efetivou-se a etapa da leitura. A estratégia de leitura escolhida nesse momento foi de maneira oralizada por meio da dramatização com fantoches, utilizando-se de artifícios como entonação da voz e uma linguagem adequada ao público destinado.

A etapa final é a participação (interpretação). Esse momento final foi conduzido com perguntas acerca da história com o intuito de instigar e captar o entendimento dos alunos, possibilitando sua participação. Os questionamentos feitos remetiam a retomada de algumas partes da história, se conheciam alguma das lendas mencionadas, criando situações para que se coloquem no lugar dos personagens, e outros.

Diante os passos citados e seguidos acima, observou-se que a utilização dos bonecos fantoches como um recurso para esse momento de contação expõe um potencial significativo para despertar o interesse dos educandos, além do engajamento no estímulo à imaginação. Dessa forma, a construção do leitor literário acontece de maneira empolgante e enriquecedora para o público destinado.

Figura 3 – Terceira aplicação da proposta



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

No dia 29 de agosto de 2025 aconteceu a segunda aplicação da proposta. Visando aprimoramento, contamos ainda com a utilização dos fantoches, porém, com o auxílio do teatro de bonecos para maior imersão e validação desse recurso pedagógico na hora da contação de histórias. Assim, seguimos as mesmas etapas respectivamente da primeira aplicação: motivação, introdução, contação da história e interpretação.

Como motivação propusemos uma roda de conversa sobre as lendas relatadas no primeiro encontro de aplicação, resgatando suas memórias sobre as histórias. Após isso, questionamos acerca dos seus conhecimentos em relação as lendas maranhenses da região, as quais ouviram dos seus pais ou que foram trabalhadas em sala sobre o folclore. Observamos neste momento inicial um retorno com efeito positivo resultante da primeira aplicação.

Na segunda etapa, a introdução foi o momento dedicado a explanação da história do dia, com o título “Bumba meu boi”, do autor Wilson Marques, em seguida houve a apresentação dos personagens da história e deixamos que explorassem o reconhecimento dos mesmo e suas características. A história foi adaptada para a dramatização de acordo com o público destinado.

Na efetivação da contação da história, foi utilizado os fantoches com o apoio do teatro de bonecos buscando maior atenção e entretenimento ao público. Na última etapa, destinada a interpretação, foi disponibilizado para os educandos a socialização da história, bem como, qual a parte mais chamou sua atenção ou achou

interessante, identificação de partes, ações e sentimentos expressos na história contada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa que culminou este brilhante trabalho originou-se da pesquisa exploratória acerca da relevância da prática da contação de histórias na infância realizada durante a disciplina de Literatura Infanto Juvenil, e a participação e vivências como voluntárias do projeto “Bonecos circulantes: contando histórias nas creches e pré-escolas”, considerando que o contato com uma educação literária deve ser incentivado desde sempre na vida infantil.

Partindo do pressuposto da dualidade acerca das finalidades que permeia a utilização e presença da literatura infantil dentro do ambiente escolar, e a partir da realidade e interesse com o assunto, buscou-se investigar como a contação de histórias favorece a formação do leitor literário, para que a aproximação com o livro seja de maneira prazerosa, afetiva e amorosa, e não apenas um “trabalho escolar”.

Foi nessa direção que usamos métodos e investimentos para assim desenvolvermos e estimularmos um mundo imaginário que levou de forma adequada e fundamental prazer e experiências significativas para as crianças, um momento de contribuição satisfatório que é “ouvir e contar histórias” dito que, a imaginação e a fantasia são de suma importância para o conhecer e o compreender.

No âmbito das leituras teóricas, ficou perceptível a interligação entre a literatura para o público infantil e a instituição escolar. No entanto, nenhum ensino escapa do fazer pedagógico, isto é, o que ensinar, como ensinar, e com que finalidade, assim, não é diferente com a leitura de histórias. A contação apresenta grande contribuição para estimular a criança, tida como as fontes que alimentam o acúmulo de experiências e, conseqüentemente, contribui para a formação do leitor literário, contudo, sua prática requer saberes e técnicas para que não aconteça por improviso.

Ao longo dessa árdua jornada pedagógica, adentramos e despertamos nossa criança interior que ali guardada por anos, e foi a chave que nos trouxe um toque para mergulhar ainda mais como educadoras de uma forma prazerosa, fomos de encontro ao encantando de olhos brilhando e muitas curiosidades ali despertada, e com isso foi primordial o cruzamento do aperfeiçoamento para contarmos histórias.

Durante o nosso estudo adquirimos técnicas, participamos de eventos e palestras, tudo isso através do recurso do teatro com os fantoches contando histórias do nosso Maranhão e entre outras histórias que fazem parte da infância e abarcam saberes e cultura. Através da ludicidade que o Teatro de bonecos favorece, dando

vida as histórias e ao imaginário infantil, entende-se que as crianças se tornam mais participativas e ativas para a construção da sua aprendizagem, para sua formação humana e leitora. Isso é possível pela organização e planejamento que permitiu interpretarmos dinamicamente um trabalho eficiente entre professor e ouvinte, intermediando sempre o interesse do tema proposto.

Diante a essa experiência magnífica que realizamos dentro da sala de aula, no Colégio Militar Tiradentes XXXI Papa João Paulo II, com os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, ficou evidente o potencial de uma prática pedagógica bem estruturada para desenvolvimento infantil, tornando-se assim, essencial para a construção deste estudo.

Além disso, também foi houve oportunidades em momentos com convite pela prefeitura de Santa Inês- MA, com um ambiente de muita descontração, que deixaram ampliar mais a nossa admiração e amor pela Literatura Infantil, visto que essa prática também firma sua presença em outros espaços da nossa sociedade, que com incentivos fixa sua permanência.

Portanto, este trabalho de muita experiência reforça a importância de práticas bem estruturadas dentro do espaço escolar, para que a experiência e construção do leitor literário ocorra de maneira eficiente. Para além disso, também enfatiza saberes e técnicas necessárias para que os educadores possam utilizar e se adaptar tendo sempre a sua realidade como ponto de partida, que seja fonte de conhecimentos para ampliar o desejo útil à cada leitor, com sugestões práticas para se reinventar em seu fazer pedagógico, e para que a arte milenar da contação de histórias não desapareça com o passar do tempo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Pensamento e Ação no Magistério**: Literatura Infantil Gostosas e Bobices. São Paulo: Scipione, 2005.

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. In: BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 04 de abril de 2021.

_____. Decreto 8.752/2016 de 09 de maio de 2016. **Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm . Acesso em 10 de abril de 2020.

_____. **Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Disponível em portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf . Acesso em 12 de abril de 2021.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política de educação infantil no Brasil**: Relatório de avaliação / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB; Unesco, 2009.

_____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental – Brasília, 1988. 3v.:il.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#!/site/inicio>. Acesso em: 31 de mar. 2021.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 4.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CANDIDO, Antônio. **O direito a Literatura**. Vários escritos. 3a ed. São Paulo: Duas cidades, 1988.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. Leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

DOHME, Vania D ' Angelo. **Técnicas de contar histórias 1**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. 3ª edição. Pétrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e Histórias**. São Paulo: ed. Ática, 2007.

NAÇÕES UNIDAS- BRASIL. **Transformando nosso mundo: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4> Acesso em 30 de março de 2021.

PALO, Maria José Gordo; OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. **Literatura infantil – voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

RIOS, Rosana. **Brincando com teatro de bonecos**. São Paulo: Editora Global, 1999.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia: uma introdução a arte de inventar histórias**. Tradução Antonio Negrini 12. ed. rev. São Paulo: Sammus, 2021.

STOCHER, Claudia. **O incentivo à leitura por meio da arte de contar histórias**. Paraná: Editora Appris, 2022.

TIURNO, Giuliano (org.). **A arte de contar histórias: Abordagens poética, literária e performática**. 1a. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário para os professores

1 - A instituição escolar adere ao momento de contação de histórias para a aprendizagem dos alunos?

() Sim

() As vezes

() Nunca

2 - A escola dispõe de materiais para realização da contação de histórias?

() Sim

() Não

3 - Há algum obstáculo que dificulte a realização da contação de história de maneira lúdica?

4 - Como a contação de histórias pode contribuir para a formação do leitor literário?

5 - Com que frequência o ato de contação de histórias são realizados em sua sala de aula?

() Sempre

() Frequentemente

() Raramente

() Nunca

6 - Os alunos gostam desse momento de contação de história durante as aulas? Justifique.

APÊNDICE B: Histórias contadas na aplicação da proposta

“Uma viagem pela Ilha Encantada”
(adaptada para dramatização)

NARRADOR: Kiki, uma menina de 8 anos, com cabelos castanhos e bochechas redondinhas que mora em São Luís do Maranhão. Kiki é uma criança muito curiosa e adora brincar e se aventurar. Ela tem um segredo que guarda a sete chaves, um presente que ganhou da avó: um poderoso amuleto – um maracá mágico de fitas coloridas que, com um toque, uma sacudida, pode levá-la a lugares incríveis.

(Cena 1)

NARRADOR: Um certo dia, acordou aborrecida e queria brincar com algo diferente. Então, foi até o velho baú, retirou o maracá mágico de fitas coloridas e sacudiu... De repente, Kiki transportou-se para a Ilha Encantada.

Kiki: – Onde estou?

NARRADOR: (Uma voz que ela não sabia de onde vinha respondeu):

Viajante: – Você está exatamente nas galerias subterrâneas da Fonte do Ribeirão, em São Luís do Maranhão.

Kiki: – Quem é você? Qual o seu nome? De onde veio?

Viajante: – Não tenho nome, pequena criança. Eu broto das pedras de cantaria, sou um viajante do tempo.

Kiki: – Mas todo mundo tem nome.

Viajante: – Pode ser, mas eu não tenho. De onde eu venho ninguém tem nome.

Kiki: – Huuummm... então, pequeno ser sem nome, você pode me dizer por que uma serpente desse tamanho vive escondida nas galerias subterrâneas da Fonte do Ribeirão?

Viajante: – Sente um pouco. Vou lhe contar a lenda da serpente que rodeia a Ilha de São Luís. Não é isso que você quer saber?

Kiki: – Sim, se você puder me contar.

Viajante: – Diz a lenda que essa grande serpente encantada dorme há muitos séculos, camuflada pelo limo e pelos musgos grudados em suas grossas escamas. E cresce a cada dia ao redor da Ilha de São Luís. No dia que sua cabeça tocar a cauda, ela acordará e, com sua força incrível e fúria, produzirá rugidos ensurdecedores,

soltará labaredas de fogo pelos olhos e, com a língua comprida e vermelha, arrastará a cidade para as profundezas do mar.

Kiki: – Cruz credo! Mas por que a serpente vai afundar a Ilha de São Luís e afogar todos os moradores?

Viajante: – Ora, porque assim diz a lenda. Viajante: – Dizem que a barriga da serpente encontra-se debaixo da Igreja do Carmo; a cauda, debaixo da Igreja de São Pantaleão; e a cabeça, aqui na Fonte do Ribeirão.

Kiki: – Nossa... que história! Devem existir muito mais histórias encantadas em São Luís, que nós não sabemos, não é mesmo?

Viajante: – Sim, existem muitas lendas, não só nesta cidade, mas no Brasil inteiro, que crianças como você deveriam conhecer. Mas o que é isso que você tem nas mãos?

Kiki: – É o meu maracá mágico. Meu companheiro de viagem que me leva para vários mundos encantados. É só sacudir e, como num passe de mágica, entro em um mundo de fantasias e encantos.

Viajante: – Entendi. Você é uma garotinha esperta. Mas chegou a hora de eu retornar para o meu mundo.

(Cena 2)

NARRADOR: Num segundo, seu corpo evaporou-se e aos poucos sumiu. Então, Kiki pegou o maracá e sacudiu. As fitas do maracá coloriram tudo ao seu redor. De repente, estava em uma rua estreita, mal iluminada. Imaginou que já era muito tarde da noite, pois não havia ninguém por perto. Apenas a Lua e as estrelas iluminavam o céu, e o vento fazia um barulho que dava medo. Era noite de quinta para sexta-feira. Logo começou a ouvir um barulho parecido com trotes de cavalos arrastando rodas de ferro desgastadas. E o barulho começava a ficar cada vez mais perto.

Kiki: – Que barulho é esse, meu Deus do céu? Parece carroça. Meu Deus, deve ser a carruagem encantada de Ana Jansen!! Ainda bem que ela não me viu.

NARRADOR: Kiki sabia dessa história contada por sua mãe, de que Ana Jansen, havia sido uma mulher rica, poderosa e muito malvada, que maltratava seus escravos com muita crueldade. E teria sido condenada a pagar por seus pecados, vagando eternamente, pelas ruas de São Luís numa carruagem encantada. E carrega com ela uma vela acesa para entregar ao primeiro que encontrar pelo caminho. Kiki queria sair

dali o mais rápido seguinte. Já tinha visto o suficiente. Imediatamente sacudiu o maracá mágico de fitas coloridas e...

(Cena 3)

NARRADOR: De repente, sentiu um cheiro de fumaça de fogueiras. Ouviu o som de tambores, matracas e pandeirões. Uma grande cantoria. Estava no meio de um arraial junino em São Luís do Maranhão. E no meio do arraial, presenciou a seguinte cena:

NARRADOR: A esposa de Pai Francisco, Catirina, estava grávida e desejou comer língua de boi. Mas não era qualquer boi, ela queria do boi mais querido do patrão da fazenda onde trabalhavam. Para satisfazer os desejos da mulher, Pai Francisco decidiu atender o pedido da esposa. Roubou o boi e retirou-lhe a língua. Descoberto o mal-feito, o dono da fazenda capturou Pai Francisco e seguiu-se o diálogo:

Patrão: – Quero saber onde está o meu novilho que sumiu do campo.

Pai Francisco: – Num sei não, patrão. Juro que não vi.

Patrão: – Soube que tua mulher, Mãe Catirina, está grávida e com uma vontade louca de comer língua de boi. Então... foi você, Chico, que matou meu boi?

Pai Francisco: – Num foi eu não, patrão.

Patrão: – Nego Chico, não quero mais saber de desculpas. Quero o meu boi de volta, senão o chicote vai comer na fazenda.

NARRADOR: Pai Francisco, que era muito honesto, acabou contando a verdade e ficou à espera do castigo. Mas logo chegou a notícia de que o boi havia ressuscitado, por meio de rituais de orações feitas pelos curandeiros, cazumbás e feiticeiros da floresta. O patrão ficou tão feliz que resolveu perdoar e poupar a vida de Nego Chico. Para celebrar a vida do boi, comemorou com uma grande festa cheia de alegria com todas da fazenda.

Kiki: – Ufaaa! Ainda bem que o Pai Francisco se livrou dessa.

NARRADOR: E com isso, a menina sacudiu seu maracá e voltou para sua casa, muito feliz por todas as lendas contadas.

A história “Bumba meu boi”

(adaptada para dramatização)

NARRADOR: Em um lugar muito distante, em junho, no dia de São João, a festa estava animada! Vaqueiros, indígenas, caboclos, o amo do boi e um lindo boi dançavam e cantavam. Todos esperavam por esse momento o ano todo! A noite chegou e os pandeirões foram aquecidos na fogueira, som de pandeiros e matracas ao fundo. Dançavam de um lado para o outro, trazendo graça e alegria à festa. Perto dali, Pai Francisco e Mãe Catirina, um casal que vivia numa roça isolada, conversavam. Mãe Catirina estava grávida e com um desejo estranho.

MÃE CATIRINA: (Angustiada) Chico, ô Chico, homem de Deus! Eu tô com um desejo louco de comer língua de boi!

PAI FRANCISCO: (Chateado) Come outra coisa, mulher. Logo língua de boi? Come cupuaçu, come umbu, come graviola, come carne-seca, come mandioca, qualquer coisa. Mas logo língua de boi, aqui não tem!

MÃE CATIRINA: (Determinada) Eu quero é a língua daquele boi que eu sonhei, Chico. Aquele boi preto, salpicado de colorido, que dança, que baila, com aquela linguinha vermelha, succulenta.

NARRADOR: E de tanto insistir, ela convenceu Chico a sair pelo mundo atrás do tal boi. Andaram por muitos lugares, mas todos os bois que viam, Mãe Catirina não queria saber. Só queria a língua daquele boi especial e encantado. Até que escutaram uma música tocando longe... Seguindo aquele som, chegaram na fazenda onde estava acontecendo a festa para São João. Quando Catirina viu o boi de seus sonhos. Era o boi preto com o couro todo colorido.

MÃE CATIRINA: (Eufórica) Chico, é desse boi que eu quero comer a língua.

PAI FRANCISCO: (Gritando) Quero saber quem é o dono desse boi! O senhor que é o dono desse boi?

NARRADOR: (Tenso) Com a gritaria de Pai Francisco, a festa parou, e o amo respondeu a ele.

AMO DO BOI: (Sério) Sou eu mesmo o dono desse boi, e o senhor tá atrapalhando a nossa festa. Diga logo o que quer.

PAI FRANCISCO: (Desesperado) Olha, essa daqui é a Catirina, minha mulher. Ela tá grávida e tá com um desejo danado de comer língua de boi. E esse aqui é o boi com que ela sonhou. Será que o senhor não pode vender ele pra nós?

AMO DO BOI: (Determinado) Aqui todo mundo sonha com este boi durante o ano todo! Você acha mesmo que eu vou vender meu boi mais querido e mais bonito para você?

NARRADOR: Logo depois dessa conversa, o amo do boi voltou para a festa, que continuou animada. Catirina ficou revoltada com o Chico, que não satisfez o seu desejo.

MÃE CATIRINA: (Irritada) Chico, eu quero a língua desse boi! Faz alguma coisa. Oê tá querendo que o nosso filho nasça com cara de língua, homem?

NARRADOR: Pai Francisco não respondeu nada. Ele era um homem malandro e já tinha um plano. E no auge da animação, em que todos estavam festejando, Pai Francisco raptou o boi. Até que alguém gritou:

MENINO: (Gritando) Minha gente, o boi sumiu, minha gente. O boi sumiiiiiiuu! Eu vi Pai Francisco e a Mãe Catirina pegando o boi e levando pro meio do mato.

NARRADOR: O povo ficou desesperado. O amo mandou que todos saíssem à procura do boi. Os indígenas, que conheciam bem a floresta saíram em busca deles... Muitas horas se passaram, e nada de boi. Quando de repente, os indígenas voltam, trazendo Pai Francisco e Mãe Catirina. E logo o Amo iniciou com perguntas:

AMO DO BOI: (Firme) Foi você, né, Chico? Foi você que roubou meu boi.

PAI FRANCISCO: (Mentindo) Não foi. Já disse que não foi eu e pronto! Você acha que eu ia me sujar por causa de um boizinho qualquer? Tá aqui minha mulher, Catirina. Não foi eu não.

AMO DO BOI: Insisto, foi você sim, que pegou meu boi.

PAI FRANCISCO: Foi eu mesmo! Que que tá olhando aí? Que que tá olhando? Foi eu que roubei esse boi, arranquei a língua dele e dei pra minha mulher comer. Soltei ele lá no meio do mato, e num tenho nada a ver com essa história.

NARRADOR: Os vaqueiros acharam o boi, mas ele estava doente. Chamaram um doutor. O doutor examinou de cá, examinou de lá, mas não deu jeito. Chamaram o curandeiro, que afirmou que se o boi urrasse, voltaria a bailar. Todos se concentraram em volta do boi: os vaqueiros, os indígenas, os caboclos, o amo, as crianças... E, de repente, o boi urrou! A alegria foi geral. Todos ficaram muito felizes e dançavam e bailavam em volta do boi. E, até hoje, essa festa acontece naquele lugar. Foi uma festa linda. Como não há outra igual. Todo ano se repete. Nunca chega o seu final!

A história “Chapeuzinho Vermelho”

(adaptada para dramatização)

NARRADOR: Era uma vez uma menina muito doce que usava sempre uma capa vermelha com capuz. Por isso, todos a chamavam de Chapeuzinho Vermelho. Um dia, sua mãe pediu que ela levasse uma cesta de doces para a avó doente que morava na floresta.

MÃE: Fique no caminho e não fale com estranhos.

NARRADOR: Chapeuzinho foi contente e cantarolando:

(música)

**“PELA ESTRADA A FORA, EU VOU BEM SOZINHA
LEVAR ESSES DOCES PARA A VOVOZINHA
ELA MORA LONGE, E O CAMINHO É DESERTO
E O LOBO MAU PASSEIA AQUI POR PERTO...”**

NARRADOR: No meio do caminho, Chapeuzinho encontrou um lobo.

LOBO: “Aonde vai, menina?” perguntou ele.

CHAPEUZINHO VERMELHO: “Vou visitar minha avó”,

NARRADOR: respondeu ela, sem imaginar o perigo. O lobo, muito esperto, pegou um atalho, chegou primeiro à casa da avó, bateu na porta, imitou a voz de Chapeuzinho e enganou a avó. Depois a trancou no armário, vestiu suas roupas e deitou-se na cama. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou, achou sua “avó” um pouco estranha.

CHAPEUZINHO VERMELHO: “Vovó, que olhos grandes você tem!”

LOBO: “É para te ver melhor, minha querida.”

CHAPEUZINHO VERMELHO: “Vovó, que orelhas grandes você tem!”

LOBO: “É para te ouvir melhor, minha querida.”

CHAPEUZINHO VERMELHO: “Vovó, que dentes grandes você tem!”

LOBO: “É para te comer melhor!”

NARRADOR: rosnou o lobo, saltando da cama. Nesse momento, um lenhador bondoso que passava por ali ouviu os gritos e correu para a casa. Ele espantou o lobo e salvou Chapeuzinho Vermelho e a avó. Desde então, Chapeuzinho prometeu nunca mais falar com estranhos e sempre seguir pelo caminho certo.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de autorização de uso de imagem



CAMPUS SANTA INÊS

DEPARTAMENTO DE LETRAS E PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Ladson Rogério Dutra Lima, diretor (a) da Escola Municipal Papa João Paulo II AUTORIZO o uso de imagem dos alunos da Escola Municipal Papa João Paulo II EM FOTOS REFERENTES A APRESENTAÇÃO realizadas, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso, constituindo requisito da pesquisa **CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: sugestões lúdicas para contar histórias no 1º ano do Ensino Fundamental**, sob a responsabilidade das acadêmicas **HEMILLY SANTOS ARAÚJO, KARLLA RAYANE FERREIRA DOS SANTOS e MARIA EDUARDA SANTOS DO NASCIMENTO**. Do curso de Pedagogia, as quais pertencem a instituição: Universidade Estadual do Maranhão/Campus Santa Inês. As imagens serão utilizadas com finalidade acadêmica. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que haja a ser reclinado a título de direitos conexos à minha imagem ou qualquer outro.

Santa Inês, 21 de maio de 2026

Ladson Rogério Dutra Lima
Diretor

Port.: 121/2025
ESC. MUN. PAPA JOÃO PAULO II

Assinatura e Carimbo

Diretor(a)